



HISTÓRIAS DE UM TEMPO SÓ DE ANA ZORRINHO: FLAGRANTES (DE)VIDAS (2019)

[10.29073/naus.v3i1.847](https://doi.org/10.29073/naus.v3i1.847)

RECEÇÃO: 2 de dezembro de 2023.

APROVAÇÃO: 15 de dezembro de 2023.

PUBLICAÇÃO: 31 de dezembro de 2023.

AUTOR/A: Maria Beja , Samuel Bernardo, Portugal, fatima.beja@aesc.edu.pt.

As micronarrativas que constituem *Histórias de um tempo só*, de Ana Zorrinho, são histórias de vidas e de gestos quotidianos, num tempo talvez distante, mas com algo de atual. Trechos breves, mas prenhos de significados, sentidos, emoções e onde os sonhos e os medos do dia a dia são o molde para cada vida e cada história.

Nascidos de uma necessidade simultaneamente da escrita e da estética, estes contos assentam num grande poder de observação — o de um olhar lúcido, perscrutador, muitas vezes fascinado, sempre emocionado, mas atento às situações e aos comportamentos e capaz de partir deles para alcançar as consciências, mostrando-se sensível às movimentações exteriores e interiores de cada personagem a que dá corpo, voz, pensamento, vontade, ação e memória: “Ela os cria, e às vezes até fala com eles. Ela lhes finda a vida para alimento de todos, com uma pancada rápida e certa no pescoço. Sem sofrimento. Despe-lhes a pele. Depois, esquartilha-os em pedacinhos. Põe de vinha de alhos (sem esquecer o tronquinho de esteva)” *Maria*, pág. 13.

Sem nunca perder de vista os conflitos, manifestos ou apenas latentes, que afetam o tecido pessoal e social na sua diversidade, a autora prefere centrar a sua atenção no *homem (ou mulher)*, que elege como matéria fundamental do universo que cria e de cujas dúvidas e certezas, ansiedades e contradições, desalentos e perdas, não deixa nunca de se fazer eco. Assim, as personagens, por vezes, parecem surgir em *flashes* que nos fixam obsessivamente na sequência da ação e nas emoções que daí emanam: “Fechou-se de novo lá dentro. Ajeita o xaile e recompõe-se, lenta. Ouve, parada. Os silêncios da casa. Cruza o olhar com os retratos mortos. Pega num deles. Limpa o rosto. Contraí a expressão. Cerra as pálpebras. Abraça a imagem por um instante longo”. *Mulher*, pág.16.

Há, pois, neste conjunto de histórias, uma tendência muito marcada para contar, privilegiando o mundo das personagens, o exame das suas emoções, a evidência dos seus atos de medo, de recalamento, de uma solidão dolorida, de uma certa marginalidade e desesperança... A voz narrativa empenha-se na condução do leitor para uma reflexão sobre o comportamento dos outros, ora pela colagem do seu sentir e do seu estar ao de uma personagem particular, em regra o protagonista da história, ora pela lente atenta com que amplia minúcias, pequenos gestos que afinal matizam de humanidade estes contos e os carimbam de originalidade.

É assim que estes textos vivem, em larga medida, do acompanhamento de uma consciência viva, e galvanizante que persiste — quer desfilem, perante o leitor, retalhos do passado ou de presente, alternando e transfigurando-se e iluminando-se.

Assiste-se, deste modo, a uma espécie de deambulação interior estimulada pela pura observação do mundo circundante. É um mundo de um tempo só, vivificado pelas contingências da vida, pela inevitabilidade da morte e capaz de suscitar reconhecimentos e perplexidades, identificações e distanciamentos, devaneios e deceções, solidões e esperas: “Terminaram. Quem dera que o telefone ou a campainha tocassem com alguém. O telefone não toca, a campainha não toca. Estão só os dois. Esperam juntos”. *Homem*, pág. 24.



Por outro lado, a palavra nasce, em Ana Zorrinho, de um sistemático exercício da memória, que lhe permite, ao reconstruir, avaliar o mundo e cada pessoa em profundidade. E, quando a memória se faz discurso, avulta a segurança com que, enquanto narradora, sabe aderir ao ponto de vista de uma personagem, registando-lhe, com notável sentido do equilíbrio, modulações afetivas e racionais, num ritmo poético e aprazível da frase; estratégias estas conducentes a uma matização psicológica ou a uma intensificação emotiva a que o leitor não pode deixar de ser sensível. Uma linguagem rica, por vezes popular, e cheia de poesia: “Com os dedos enrolam-se os fios na agulha em voltas contadas, tece a vida, aninhada no sofá”. *Tecendo a vida*, pág. 21.

Dado os espaços e as figuras humanas evocarem largamente Santiago do Cacém, a vila velha, os montes em redor (apenas esporadicamente a cidade, e sempre nela a opressão à maneira de Cesário), ao lermos *Histórias de um tempo só*, sentimos que o tempo é só em nós a persistência de uma memória da gente desencantada, anónima e diversa que, sem verdadeiramente o saber, partilha connosco dores e angústias, conhece iguais momentos de ternura e de dor, vive os mesmos sonhos frustrados por entre os tons de solidão de um quotidiano que ainda não acabou, “pois a multidão continua a passar apressada”. *Cidade*, pág. 52.

Acresce-se ainda a ilustração, de autoria de Raquel Ventura, que corrobora sensitivamente, num traço forte e em tons de preto e branco, as vidas solitárias, tristes e, por vezes, angustiadas das personagens que “flanejam” por estas *Histórias de um tempo só*.

REFERÊNCIAS

Zorrinho, A. (2019). *Histórias de um Tempo Só*. ORO.

DECLARAÇÃO ÉTICA

CONFLITO DE INTERESSE: Nada a declarar. FINANCIAMENTO: Nada a declarar.



Todo o conteúdo do NAUS — REVISTA LUSÓFONA DE ESTUDOS CULTURAIS E COMUNICACIONAIS é licenciado sob Creative Commons, a menos que especificado de outra forma e em conteúdo recuperado de outras fontes bibliográficas.